

Fernando Molica

O livro do Sérgio e o drible do Nelson

A leitura do primeiro capítulo do ótimo livro “Escrever é humano” (Companhia das Letras), de Sérgio Rodrigues, me levou a uma das mais fantásticas criações da música brasileira, “Rugas”, de Nelson Cavaquinho, Ary Monteiro e Augusto Garcez. É que o tal capítulo — Viva a literatura, morra o clichê! — trata, como indica o título, de uma das maiores pragras da criação artística, o lugar-comum, a frase feita, aquela muleta a que tantos autores recorrem. Incapazes de serem originais, de descreverem, com objetividade e/ou lirismo alguma situação, muitos optam por frases que estamos carecas de conhecer (olha o clichê aí, gente!). E tome de fazer das tripas coração, de alguém visivelmente nervoso (como seria um nervoso invisível?), da garota suando em bicas, de mal-traçadas linhas. No livro, que também serve de guia para quem deseja escrever de maneira profissional, o Sérgio dá ótimos exemplos e dicas. Mas voltemos a “Rugas”. O samba é curtinho, tem apenas 14 versos. Nele, o narrador, no melhor estilo que celebrizou Nelson Cavaquinho, enumera suas tantas dores: se for pensar muito na vida vai morrer cedo,

seu peito é forte, acumula tanta dor, as rugas fizeram residência no seu rosto. Na segunda estrofe, usa um clichê — “olhos rasos d’água” — que só é admissível pelo que vem depois. Ele diz fingir-se alegre, pro seu pranto ninguém ver. Faltava então a conclusão. O verso seguinte encaminhou tudo para o óbvio: começa com “Feliz aquele que sabe” —era previsível que a palavra seguinte seria “viver”. Quantas vezes não ouvimos — e, admitamos, falamos — que é fundamental saber viver, equilibrar perdas e danos, entubar desaforos e decepções, dar a volta por cima, ficar pronto pra outra? Só que estamos aqui tratando de algo primoroso, de um samba que tanto se insere no contexto de um povo que encontrou na música sua melhor forma de expressão. Os compositores construíram então algo compatível com a jogada do gol que Pelé não fez contra o Uruguai na Copa de 70, o até hoje inacreditável drible de corpo que ele deu no goleiro Mazurkiewicz. Ao receber um passe de Tostão, o maior de todos não faz o óbvio, não toca na bola, deixa que ela corra à esquerda do goleiro enquanto segue pelo outro lado, passa por trás

do adversário e conclui a jogada às suas costas: “(...) o drible de Pelé em Mazurkiewicz quebrou a espinha do destino e o mundo de-gringolou”, narra o mesmo Sérgio Rodrigues em seu romance ‘O drible’. A bola não entrou, mas o lance permanece como um dos mais espetaculares da história do futebol. Foi isso que Nelson, Ary e Augusto fizeram, fazem com todos nós cada vez que ouvimos “Rugas”. Nos aplicam aquele que ficaria conhecido como drible da vaca. Concluem o tal verso com um verbo inesperado: “Feliz aquele que sabe sofrer”. Sofrer é aqui, de maneira improvável, equiparado à ideia de felicidade, de capacidade de lidar com o contraditório da vida, com suas armardilhas. Como Pelé, foram cruéis, nos fizeram de Mazurkiewicz, nos induziram ao erro, fingiram que recorreriam ao lugar-comum. E nos surpreenderam, nos encantaram, riram da nossa cara, do nosso espanto. Ainda nos fizeram pensar nas tantas vezes em que não soubemos sofrer e, portanto, não fomos felizes. Melhor: diferentemente do rei de todos os estádios — brilhante definição de Waldyr Amaral que viraria lugar-comum — eles ainda marcaram o gol.

Tales Faria

Bolsonaro elegível afasta Tarcísio

Os bolsonaristas adotaram o discurso de que está tudo acertado com o centrão para o Congresso aprovar a anistia do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Não é bem assim. Primeiro, porque uma parcela considerável do centrão, especialmente do Norte e do Nordeste, ainda segue dentro da campanha pela reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O comando partidário anunciou rompimento, mas as bases ainda não. Há até ministros dizendo que permanecerão no governo. E, depois, outro problema: ainda há muita desconfiança de que o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), não se lance como candidato ao Palácio do Planalto. Tarcísio é a opção preferencial dos caciques do centrão. O governador mandou um recado aos presidentes dos partidos que integram o chamado centrão do Congresso. São eles: União Brasil, PP, PSD, MDB e Republicanos. Tarcísio avisou que pode não se desincompatibilizar do cargo até abril de 2026, como determina a legislação eleitoral a quem tiver ocupando cargo público e quiser concorrer a outro posto. Sem se desincompatibilizar, o governador só poderá concorrer à reeleição. E qual o motivo para Tarcísio desistir de disputar a presidência da República? Simples:

ele disse que não concorrerá “em hipótese alguma” contra o ex-presidente Jair Bolsonaro. A princípio, poderia soar como um gesto de cortesia com Bolsonaro. Mas é, na verdade, por desconfiança de que pode ficar a ver navios com o próprio Bolsonaro se lançando. O sinal vermelho piscou depois que o líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante (RJ), divulgou sua minuta de projeto da anistia a ser submetido ao plenário. Está escrito com todas as letras na alínea 3 do parágrafo 2º do artigo 1º do projeto que a tal anistia que interessa a Bolsonaro terá que alcançar todos os ilícitos: “Civis, administrativos e *eleitorais* [grifo do colunista]* vinculados ou associados às condutas referidas no caput, afastando-se, inclusive, todas as inelegibilidades já declaradas ou que venham a ser declaradas pela Justiça Eleitoral contra os beneficiários desta Lei.” Escrito e reafirmado na alínea 4, que a anistia alcança “os crimes políticos ou conexos, eleitorais e aqueles que tiveram seus direitos sociais e políticos violados”. Desde 2023, por decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o ex-presidente da República está inelegível. Ele foi condenado por abuso do poder político e econômico na campanha eleitoral. Se este modelo de anistia for aprova-

do, Bolsonaro se torna elegível, poderá se candidatar. E Tarcísio avisou: não concorre contra seu antigo chefe. Mais: a minuta levanta a suspeita de que Bolsonaro quer mesmo ser o candidato. O governador não gosta nem mesmo da ideia de concorrer contra um integrante do clã do ex-presidente. E o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) já ameaçou até deixar o partido para se lançar, ele próprio, como candidato. Em entrevista recente à revista Pauí, publicada no dia 4 deste mês de setembro, Eduardo Bolsonaro reafirmou essa possibilidade: “Se eu for candidato, explodo o debate.” Não é certo que ele exploda o debate, como afirma. Mas é praticamente certo que, neste caso, explodirá com a candidatura predileta da chamada Faria Lima, ou seja, o governador de São Paulo. Também explodem os planos de Valdemar Costa Neto, presidente de seu partido, o PL, de fazer da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro a vice na chapa de Tarcísio. Na entrevista, Eduardo até afirmou: “A Michelle é uma pessoa boa comigo.” Mas reclamou da preferência por ele no PL: “A pergunta que eu faço é: será que o partido não vê que o que eu faço aqui é muito mais relevante?”

Sérgio Cabral*

Brasil Democrático

A partir das manifestações de 2013, que tomaram as ruas do país, sem uma bandeira específica mas que continham uma dose cavalare de rejeição à política, as camisas verde e amarela da seleção brasileira passaram a fazer parte do “look” dos autoproclamados patriotas. De lá pra cá, a tradução simbólica da maioria usuária da camisa da seleção foi se destrinchando em rejeição à democracia, às instituições da república e odes ao período do regime militar. Sempre usei nossa camisa da seleção brasileira com muito orgulho e tenho ojeriza aos que instrumentalizam nosso manto nacional penta campeão do mundo para fins

antidemocráticos. Assim como cristão repudio os religiosos que fazem uso da Bíblia para fins políticos e autoritários. A negação ao exercício do contraditório e o repúdio à democracia e às liberdades civis sempre foram uma sombra na história republicana de nosso país. Quantos golpes e tentativas de golpe o Brasil sofreu desde 1889!! Desde 1988, com a Constituição promulgada de forma legítima e representativa, que nenhuma dessas tentativas teve êxito no país. Nem mesmo as crises mais agudas como os dois impeachments dos presidentes Collor e Dilma foram capazes de desviar o curso da nação.

O Brasil democrático tem tido sucessivas vitórias sobre os que tentam desarrumá-lo. Os três poderes com suas peculiaridades e características têm sido sólidos e resistentes à brutalidade e a chantagens, venham de onde vierem. Já são 37 anos de democracia contínua. Não é pouca coisa. É o maior período ininterrupto de permanência democrática da nossa história republicana. Não vamos permitir que interesses mesquinhos e golpistas desviem nossa rota da via democrática.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

EDITORIAL

As manifestações deste 7 de setembro

O 7 de setembro de 2025 foi marcado por um movimento claro: enquanto Lula e seus apoiadores se concentravam na Esplanada dos Ministérios, a direita voltou às ruas em peso neste domingo. Em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras capitais brasileiras, milhares se reuniram com uma pauta direta — pedir anistia para os envolvidos nos atos de 8 de janeiro e protestar contra o ministro Alexandre de Moraes e o Supremo Tribunal Federal. Na Avenida Paulista, a manifestação foi grande e organizada. Políticos, apoiadores de Bolsonaro e lideranças da oposição ao governo atual discursaram com foco em dois temas: liberdade e justiça. O tom dos protestos foi duro. Muitos cartazes e falas pediam o fim dos processos contra o ex-presidente, além de críticas diretas ao Supremo, especialmente a Moraes, chamado de autoritário por manifestantes. No Rio de Janeiro, em Copacabana, o cenário se repetiu. Deputados ligados ao bolsonarismo participaram do ato, que teve gritos de ordem e pedidos de anistia. Embora

não tenha sido um movimento violento, o recado foi claro: a base da direita continua mobilizada e disposta a pressionar o Judiciário. As manifestações aconteceram justamente enquanto o STF julga Bolsonaro e aliados por tentativa de golpe em 2023. O momento não é qualquer um. A tensão entre os poderes está no limite, e o que se viu nas ruas foi parte da sociedade reagindo a isso, mostrando que ainda há muita polarização no país. A presença da direita nas ruas não é novidade. Desde que Lula assumiu o poder, o campo conservador tem realizado manifestações frequentes em diversas cidades do país, além de eventos como motociatas, carreatas e concentrações públicas com forte presença popular. O 7 de setembro foi mais um desses momentos, com estrutura, discurso definido e mobilização nacional. Com o julgamento no STF em curso e as eleições de 2026 no horizonte, o recado das ruas está dado. A direita segue presente e atuante no cenário político nacional.

Contagem regressiva para o CNU 2025

Falta exatamente um mês para as provas objetivas do Concurso Público Nacional Unificado (CNU 2025), e mais de 761 mil brasileiros vivem a tensão, a esperança e o sacrifício silencioso de quem escolheu apostar em um sonho coletivo: o de conquistar uma vaga no serviço público federal. Em meio à rotina puxada de estudos, muitos abriram mão do lazer, da convivência familiar, do descanso nos fins de semana e até de empregos para se dedicarem integralmente a esse objetivo. É uma realidade que poucos veem de perto, mas que movimenta milhares de lares pelo país. Estamos falando de pessoas comuns, estudantes, desempregados, trabalhadores, mães solo, recém-formados, que transformaram a sala de casa ou a biblioteca pública em trincheira contra a desigualdade de oportunidades. Com a aplicação das provas prevista para os dias 5 de outu-

bro (objetiva) e 7 de dezembro (discursiva), a reta final impõe uma escolha estratégica aos candidatos: revisar conteúdos já estudados, investir em novas matérias, fazer simulados ou simplesmente descansar? Todas as alternativas são válidas — e absolutamente necessárias — em diferentes doses. A arte está no equilíbrio. A segunda edição do chamado “Enem dos Concursos”, organizada pela FGV e coordenada pelo Ministério da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, traz um formato mais extenso e robusto que o anterior. Em jogo, 3.652 vagas em 32 órgãos federais, com ampla distribuição por áreas temáticas e cotas importantes para a diversidade social e étnica do país. Os candidatos enfrentam não só os desafios dos conteúdos, mas também os da ansiedade, da insegurança e da pressão interna. Tudo isso é parte do processo.

Opinião do leitor

Teve agulha neste palheiro

Muito satisfatório ver que, após as denúncias exclusivas sobre esquemas na Bahia, um dos envolvidos que havia sido citado pelo Correio da Manhã, foi preso. Um jornalismo sério e investigativo. Difícil encontrarmos isso hoje em dia.

Pedro Albuquerque
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ARGENTINA PODE TER NOVA CRISE POLÍTICA

As principais notícias do Correio da Manhã em 5 de setembro de 1930 foram: Argentina pode entrar em erupção política, pois a equipe ministerial de Irigoyen pode pedir demissão. Governo cubano anuncia taxação ao café brasileiro, para proteger os produtores locais. Estudantes universitários rebeldes são presos na Índia. Ministro do STF Hermenegildo de Barros visita a redação do Correio da Manhã.

HÁ 75 ANOS: BRIGADEIRO INICIA PASSEATAS NO NORTE DO PAÍS

As principais notícias do Correio da Manhã em 5 de setembro de 1950 foram: Eduardo Gomes inicia trajetória no Norte do país por Maranhão, depois vai para o Pará e encerra no Amazonas. UDN programa visita para Porto Alegre e grande passeata no Rio. PRP homo-

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.